



Augusto de Castilho e João Franco

Um dos homens que, no primeiro momento, mais rudemente feriram a minha sensibilidade, foi o almirante Augusto de Castilho.

E, todavia, ele deu-me, depois, um carinho paternal inolvidável.

Os corpos de certas almas superiores, feridos, até á carne viva, no atrito constante das mil coisas mesquinhas da vida, não se prendem nos moldes estudados das atitudes elegantíssimas, e quantas vezes se cobrem, por momentos, daquela casca grossa que é a defeza dos robes mais altos e dos frutos mais delicados.

Para Augusto de Castilho havia ainda uma razão a mais: era marinheiro...

Recordo-me de ao entrar, pela primeira vez, na sua casa de Sete Rios, mal me estender os dedos, sem uma palavra, continuando absolutamente entregue á tarefa de passar, ao coprador, a sua correspondência do dia.

Eu mal tinha ainda barba, e era um provinciano chegado, nesse dia, á capital.

Os que me conhecem sabem, porem, que desde muito novo sofri o peccado, ainda hoje mal atenuado, de me não resignar a uma desconsideração, venha ela de onde vier.

Aborrecido, amachucado, na incomensurável vaidade dos meus vinte anos, recolhi, embezerrado, a uma janela, e entrelinha-me a ver passar a gente e os electricos por baixo da ponte ferrea de Sete Rios, quando a voz dura do almirante me sacudiu:

—Que dia é hoje?

Voltei-me, julgando que a pergunta se dirigira a algum creado que entrava, silenciosamente, na sala alcatifada.

—...Então não ouve? — insistiu, olhando-me, severamente.

Fosse da vaidade ou da surpresa, a minha cabeça sofreu um tal choque que até os nomes dos dias da semana se me apagaram da memoria.

—Não sei, senhor Almirante, não sei!... — respondi entre sacudido e atropalhado.

—Olha que cabeça essa!...

Eu fôra um mediocre estudante de filosofia e o argumento *ad hominem* servia ali á maravilha para me vingar, mas de uma tal inconveniencia salvou-me o impedido, uma praça de marinha, que nesse momento entrou para levar a correspondencia já estampilhada.

—Esse rapaz é que deve saber... — respondi, quasi disposto a sair dali.

A delicadissima alma do bondosissimo Almirante só então deu pela sua inadvertencia, e sorriu, entregando, com a mão esquerda, a correspondencia ao marujo e enfiando, no meu braço, o seu braço direito.

Ficamos desde essa hora tão amigos que eu lhe devi, em anos seguidos, a dedicação affectuosa de o arrastar até á minha aldeia, ao que ele dizia para provar as aguas que lá nasciam...

Mas eu não quero hoje celebrar o amigo e o marinheiro, mas apenas focar uma das faces do seu espirito, momentaneamente interessado naquela epoca politica que precedeu o regicidio e a sua inesperada ascensão ao poder.

Todos os que privaram com o glorioso Almirante, sabem como ele detestava os politicos desde aquela ignobil condenação que lhe infligiram por ter salvo, na Revolução do Brazil, a vida de centenas de brasileiros.

Mas, preso, cegamente, de utopia liberalista, como a quasi totalidade dos homens seus contemporaneos, ele exigia a salvação do paiz, á face da celebre Carta Constitucional.

Em 21 de maio de 1907 escrevia-me ele uma carta inflamada contra o facto de João Franco romper com José Luciano «pondo-se em ditadura, dissolvendo o parlamento, sem marcar eleições, o que era contra a Carta Constitucional».

Não posso transcrever toda a carta, que é cheia daquele democratismo sincero que, nesse tempo, só já era apanagio digno de respeito de certos liberaes.

Nesse tempo, a minha lingua ardente e brava fazia escandalo entre os membros da minha familia, todos progressistas encarniçados, porque eu adorava a ditadura, e porque na minha cabeça, ainda mal cultivada de rapazote, João Franco aparecia como um semi-Deus salvador.

Não me podia ser muito agradável esta carta do nobre Almirante, e tive a franqueza de lho dizer, mas sem me apoiar naquelas razões de ordem scientifica que hoje formam o sistema inabalavel da politica contra-revolucionaria.

Augusto de Castilho attribuia, em grande parte, o insuccesso das verdades liberalistas ás intrigas palacianas.

São dele estas palavras escritas a seguir á minha carta: «sou amigo dos Condes de Tarouca e de Bertandos que, apesar de palacianos assiduos, penso serem homens de bem».

Mas o senhor João Franco e os homens que o rodeavam, depressa abriram brecha nos escrupulos liberalistas do glorioso marinheiro.

Em 12 de junho, ou seja 22 dias depois do seu ditirambo á Carta escrevia-me com um scepticismo, onde já transluz a ironia sobre os cuidados politicos do povo soberano:

«Estou ouvindo o estoirar das bombas das festas populares, e estou certo que 99% desta gente se não importa do João Franco nem dos outros politicos».

Em carta de 20 de novembro, isto é, 5 mezes depois, a ironia convertera-se numa apreensão:

«Cá por Lisboa reina uma grande agitação politica. As declarações feitas por El-Rei e pelo João Franco a um jornalista francez impertinente tem causado variadissimas impressões. O papão da ditadura, na opinião publica, não sei se será uma impressão bem sincera e profunda».

Esta alusão á mentira liberalista da opinião publica a influir nos altos destinos do paiz, foi a sua ultima indecisão, porque apesar de estar de relações cortadas com João Franco, a sua mão firme já assim me escrevia em 3 de janeiro:

«Bom é que as oposições, indisciplinaes e desconjunctas como estão, vão reconhecendo que nada podem para derribar o governo, o qual vae marchando pela vereda que escolheu e em que, pelo me-



Morrer mas devagar: o rei bradava,
A noite da derrota emfim descia,
Como pano chegado que cobria
O despôjo da morte negra e brava.

Com sêde, cada morto refrescava
Os beijos na ferida que o floria,
E o crescente da lua, que nascia,
Era manso e de sangue se pintava.

Mas os Moços, no grande ardôr feliz
D'essa jornada d'Africa, trouxeram
As violas gementes do paiz...

E do vento tangidas e tocadas
Que assopra do paiz onde nasceram,
As violas alastram-se, quebradas!

AFONSO LOPES VIEIRA.

nos, procura inaugurar habitos de ordem e moralidade.

«Eu não sou politico franquista, mas reconheço que os rotativos fizeram incomparavelmente mais tolices que o João Franco. Precisamos portanto, firmar o novo regimen».

Precisamos, pois, firmar o novo regimen! Mas o novo regimen, era a morte abençoada do liberalismo!

Emquanto alguns politicos franquistas clamavam ainda que se tratava apenas de uma suspensão temporaria dos principios constitucionalistas, a intelligencia honrada e leal do glorioso marinheiro ia até ao fim: «precisamos firmar o novo regimen».

Como uma cabeça lucida e honrada pode caminhar tanto em 5 mezes!

16 dias depois, em 19 de janeiro, ou seja 11 dias antes do regicidio, escrevia-me já, entusiasmado:

«Vejo com prazer que as arrogancias das oposições e principalmente as ameaças do Julio de Vilhena contra o governo, por causa da entrega das camaras ás comissões administrativas, foram completamente desmentidas na pratica pois tudo se passou na melhor ordem.

«Eu não sou amigo de João Franco, porque era ele ministro em 94 quando eu fui bru-

talmente destituído do comando, preso e processado, como um vilissimo facinora, pelo grande crime de salvar a vida a 500 brasileiros.

«Mas, apesar de ele, como ministro, se ter solidarizado com os seus colegas do gabinete, contribuindo para uma tão grande afronta, reconheço, imparcialmente, que a queda de João Franco tomara as proporções de uma calamidade publica.

«O João Franco é um homem honesto, patriota, activissimo, corajoso, destemido mesmo, luctador, e que não receia nem cede perante os manejos das oposições.

«Poderá ser, ás vezes, inconsequente, poderá não ter um plano de acção governativa, metodico e completo, poderá tambem não seguir, persistentemente, o caminho de uma ideia, mas o que se lhe não pode negar é uma grande pureza de intenções e a inauguração de processos de moralidade e ordem a que não estavamos habituados.

«Isto só por si foi um grande passo que desempoeirou a vista do nosso publico e que traduz a confiança que o grosso da nação está depositando no ditador.

«Daqui já se não pode voltar para traz, e se algum pensasse em regressar aos pro-

A cidade e a chuva

Quando as primeiras chuvas caem e as derradeiras folhas se desprendem dos arvoredos civilizados nas avenidas suntuosas das grandes capitais, o luxo afaga com seu bafo mórno os sensibilizados corpos dos privilegiados da fortuna. Calmados os nervos na georgica solidão provinciana, enrijecidos os músculos em ruidosas montarias á lebre e á perdiz por matagais planos, barrancos e outeiros, nervos super-estesiados no sensualismo pôrco dos tangos e dos «trots» por essas praias e por essas terras onde a pelintrice abunda e a desvergonha requinta com o nome de elegancia — a gente do «tom», a sociedade «chic» refugia ás capitais entre os ultimos crepusculos do outono e as primeiras chuvinhas aborrecidas, chicoteadas a espaços por um vento triste e incerto que as desfaz em lama. E a cidade anima-se, e a civilização berra os seus direitos em cartazes, estende o seu imperio á luz e ao pão, ao teatro e ao jornal.

Sobre a lama das ruas e a lama das almas, abrem vermelhas e doidas as flores esplendidas do luxo e da miseria na grande capital. Seus teatros reverberam por dentro e por fora em torrentes cruas de luz, luz em frisos, em renques e em focos, luzes de ribalta e de lustres soberbos como frondosos robes, luzes em estrelas, em constelações, em Vias Lacteas, em chuviscos de aerolitos, em caudas doiradas de cometas. E eu não sei qual fere mais a vista do pasmado e ingénuo filósofo que dourou os sentidos e soube limitar as ambições materiaes: se a intensidade cortante e magnética dos arcos-voltalcos, se os olhos exóticos e pintalgados como carrancas de bô-bos, de brilho metalico e expressão gelada, se as nebulosas de perolas e as constelações de brilhantes, coruscando, luzindo, irradiando em arco-iris, em subtis deslumbramentos, em orientais preversidades de tigrinos gestos de caricia e de gana, em mutuos relampagos de orgulhos soberbos, em descargas electricas de invejas mal contidas.

Lá fora, miudinha e triste, a chuva cai; caem desoladas e tristes as folhas das olaias no asfalto humido dos passeios, como amarfanhados corações envolvidos em farrapos de agua; cai a honra e a virtude no pano verde da roleta e escorrega viscosa, no enxurro

das vielas; cai a mascara de um povo que finge que trabalha; caem todos de cócoras deante da força, do dinheiro e do prazer. Miudinha e incerta como o vento que a toca, a chuva cai, a chuva cai e alaga, e preverte, e aniquila e esmaga.

Uma definivel e palpavel sensação de conforto rico, que ás vezes nos toca com seu roçar macio e tépido — são veludos e sedas de cores magestáticas ou alucinados desenhos, pelarias ricas de suntuoso corte, negras casacas e polimentos como espelhos — um amargo despeito sem nome e sem remédio passa por nós quando os automoveis velozes de precioso recheio, iluminados como redomas, nos esparrinham de lama e roncam em «sereias» ásperas seus fortes e fartos arrôtos de milionarios. De manhã até á noite a chuva cai, e o seu cair monótono borrija de tédio o casario impo-nente, estampa-se em rugas de contrariedade na multidão que formiga, e corre, e se agita numa ancia nevrotica de chegar depressa, não se sabe a quê, de chegar depressa não se sabe aonde. Os primeiros livros de versos de poetas chilos, e os contos de alcova do illustre escritor X... que fedem a serralho e a postico e as crônicas balofas de estilo-facada do moço Y..., esperança do jornalismo e das letras e as novelas historicas da actriz Z... em que uma flor de alcove tenta agarrar pelos cabelos a celebridade que o palco lhe negou — todo o lôdo impresso das almas avança na montra dos livreiros, ondas sobre ondas de lixos cerebrais; rimas de versos e rimas de livros chegam para aproveitarem este providencial ambiente de luxo, chegam com pressa, mal enxutos de tinta, com essa pressa nervosa que todos trazem no sentido de chegar não se sabe a quê, de chegar não se sabe aonde. Abrem as exposições de pintura, e os concertos sinfonicos, e todos os civilizados pretextos de exhibição e de popularidade, e de vorazes desejos de gloria e de fortuna; um traço rubro de fogo arde nas pupilas cançadas: uma rajada violenta de emoção perturba os nervos dos ricos e dos intelectuais num estranho e febril arrepiamento de arte. E' um delirio o inverno. Mercieiros labrê-gos, enriquecidos pelas magicas

artes da oferta e da procura pilhosos tradutores dos guarda-vassouras dos jornais e varredores de informações pelos corredores do Governo Civil, gente da politica e gente sem modo de vida que o Anuario Comercial classifica de proprietarios — fardas e setins, polainas e zibelinas, fazem arte, e saturam-se de arte, e discutem arte, e criticam quadros e livros, musica e teatro, e salões em peso de escultura, com uma precisão e um sentido estético de iniciados, de consumados artistas. A arte democratizou-se, pervertetu-se, curvou-se tambem ante a onipotencia diabólica do bezerro d'ouro...

As grandes cidades não sentem a desolação da chuva, a indescritivel tristeza dos dias que peneiram cinzas molhadas, dos dias em que o pensamento se esfuma, e esfarrapa em sudarios nevoentos, e paira sombrio como as nuvens, rés-vés da terra onde as aguas se encharcam e empoçam em pardas manchas de estupidez e de bondade.

Marasmados da murrinha e da lama, os olhos do homem que pensa, reviram-se até á alma numa contemplação toda interior, não já da propria alma mas da alma colectiva dos homens. E com a chuva que cai na tarde que tomba em negrumes, o espirito, errando ao acaso pelos aleijões e injustiças do mundo repousa afinal em si da longa viagem ao mundo interior das outras almas, e como a chuva cai assim caem as lagrimas tristes e mansas como o brando correr de urr fio de balsamo sobre a fenda rubra de uma lançada.

Uma infinita piedade parece gotejar dos telhados em doces pingos resados, e até ao coração se filtra, uma piedade por todos os desvarios e por todas as loucuras que fazem das capitais e da civilização covis de feras e viveiros de escravos. Perante a miseria moral do rico, para quem até a propria injustiça e o egoismo são refinados motivos de arte, do rico que é devasso e é cinico, e é talvez ladrão porque a arte o preverteu, a miseria moral do pobre avulta mais ainda que o desconforto material em que vegeta e se animalisa. No teatro, no livro, no cinema e no jornal que ricos e pobres lêem e frequentam, sempre o mesmo convite ao lôdo e á degradação, o mesmo tema de democratização do deslhecimento da moral, essa moral que dizem não existir na arte porque quasi todo o artista procura a popularidade lisongeando o instinto grosseiro e pôrco das multidões ignorantes. Se profundarmos bem no âmago

da sociedade as origens da abjeção moral e intelectual dos nossos dias, é ainda á democracia e á sua imprensa que teremos de baldear as culpas — a ela, á desvergonhada fasedôra de falsas reputações e de genios-bandalhos, a grande envenenadora da vida e das almas. Sentindo a chuva cair de manso por entre a ramaria estatica das faias nuas, todas as dôres da humanidade rondam em soluços no peito do homem forte que soube domar a sensibilidade artistica e amordaçar todas as ambições. Abre-se então o peito ás revoltas que rastejam pela lama das cidades e dos campos, e de angustia se mirra o coração vendo quanta injustiça ha a reparar, quanta soberba a abater, quanta ignomia a derrubar.

No teatro, no qua'ro, na musica, no livro, no jornal que vimos, ouvimos e lêmos, a bondade do pobre se exalta e a maldade do rico se condena. E á minha ingenuidade antiga, e á minha resignada pobreza sabiam a mel silvestre e cheiravam a bravias flôes de liberdade esses poemas heroicos ou liricos em que se cantava a Santa Pobreza de mãos limpas e de alma lavada de pecados. Só ás vezes me ficava interrogando porque oculto motivo outros poetas cantavam o drama atroz de uma outra pobreza que eu desconhecia pondo-a em paralelo com a vida plena de gosos dos nababos, dos poderosos da terra. Eu não sabia ainda de quanta incoerencia, de quanta maldade, de quanto cinismo era feita a alma da intelectualidade, da «élite» culta que dirige os povos e as nações das confusas babilonias de ganancia e de prazer que se chamam capitais. Foi-me preciso descer ao circo das vaidades e á feira dos interesses e vêr como eram falsos os europeis que deslumbravam, e que tudo era postico, e pelintra, e falso. Vi então como roubam os defensores do povo, como são covardes os homens da farda, como mentem os prégadores de uma verdade convencional, e como todos procuram fingir aquilo que não são. Neste turbilhão de mentiras em que se agita a vida das democracias, breve a sociedade inteira foi arrastada, compellidos uns, por exigencia de arte, ao goso, atirados outros, por necessidade de pão, á revolta. Entre a revolução e a arte, a democracia agonisa — da arte que alenta a revolta, da revolta que a arte provoca e acirra. Ah! que é pela arte que a Revolução, a grande Revolução se precipita. A arte precisa de um ambiente de luxo, de conforto, de ociosidade, e não faz sentido que a uma igualdade de direitos não corresponda uma igualdade de prazeres, e em democracia a arte tem sido um prazer que só os ricos, os genios e os pulhas conseguem gosar. A tendencia que hoje se vê nas capitais para por meio do luxo alcançar a arte e a generalisação desta definição a toda a masela intelectual, se é um sintoma de decadencia, é o tambem de que uma grande revolução se aproxima, uma revolução que reconduza os homens, e as coisas, e as instituições sociais ao seu devido logar.

Despresando a falsa arte e o falso luxo, o homem superior que domina as paixões e ri da petulancia dos estetas, abraça francamente a Revolução e a Santa Justiça que a inspira. A Ideia que pensa em revolucionar o mundo precisa apenas de apostolos e de lutadores; os artistas virão depois sobre o lixo das escolas do passado erguer um novo templo de imortal beleza, quando forem varridas as decadencias destrambelhadas do presente. Evoquemos a

arte do passado, quando o corporativismo reunia os homens pelo interesse mor l e material, e a cada profissão correspondia um gremio, um collegio, e a cada crença uma confraria. Não era uma palavra vã a fraternidade; ela perdura ainda na filigrana dos templos românicos e góticos na eterna afirmação da egualdade dos homens perante Deus. Perante Deus ajoelhamos agora que as Avé-Marias caem gementes como suspiros de bronze, e a chuva da tarde peneira desconforto, e tristeza, e acinzentada o espirito na serenidade pungente de uma intensa melancolia. Com as folhas que caem na lama parda e estúpida, caem as ilusões que o vento do desengano arrasta e polue cáem como pétalas fanadas de crisantemos alvos; o no silencio brumoso e negro em que a tarde sepulta o dia, um grito apenas de esperanca e de revolta se eleva a Deus das almas que esperam e confiam na Ideia que só a Revolução saberá impôr. Lá fora, miudinha e incerta como o vento que a toca, a chuva cai, a chuva cai e alaga, e preverte, e destrõe, e apodrece, e esmaga...

CESAR A. D'OLIVEIRA

Capela em ruínas

Publicamos abaixo os nomes dos devotos que concorreram com as suas esmolas para a reconstrução da capela de Nossa Senhora da Conceição. Mais uma vez apelamos para os catolicos desta cidade para que levem ao estabelecimento do sr. Araujo Salgado os seus obulos que Nossa Senhora tudo lhes agradecerá.

Um devoto de Nossa Senhora	1.000\$00
Francisco Gonçalves da Cunha	15\$00
Amadeu Almeida	15\$00
Tenente Carlos Coelho	13\$00
Albano Ferra	10\$00
Domingos da Cunha Mendes	10\$00
Antonio Emilio Ribeiro	5\$00
João Magalhães	5\$00
Joaquim Vaz Vieira	10\$00
Augusto Mendes da Cunha e Castro	5\$00
Anonimo	10\$00
Antonio Alves Ferreira	5\$00
Antonio Luiz da Silva Dantas	5\$00
Manuel Dias	5\$00
Camilo Lorangeiro dos Reis	10\$00
Eduardo de Lemos Mota	20\$00
Quintino Teixeira d'Abreu	10\$00
D. Rosa Soares Teixeira	5\$00
Manoel Dias	15\$00
D. Maria Costa Olivera Bastos	10\$00
Anonimo	10\$00
Freitas & Genro	10\$00
Francisco Fonseca	2\$500
D. Ana Julia Mendes	10\$00
D. Mafalda Mendes Guimarães	20\$00
D. Maria dos Prazeres Lage Salgado	20\$00
Mauuel Antonio Felix	5\$00
D. Maria do Carmo Lemos da Cunha	50\$00
Armindo Peixoto	10\$00
Augusto Pinto Areias	40 00
Manuel de Castro Sampaio Sendelo	10\$00
D. Maria Barbosa d'Oliveira e Souza	20\$00
Alfredo de Souza Felix	20\$00
José Fernandes da Costa Abreu	10\$00
P.º Francisco Saraiva	7\$500
Gaspar da Costa Pereira	1\$00
D. Leopadia Guimarães	2\$00
P.º Alfredo Correia	10\$00
Benjamim de Matos	20\$00
P.º Artur Fernandes Guimarães	15\$00
P.º Francisco ariá	22\$50
Simão da Costa Guimarães (1 inserção de 100\$00 nominais n.º 34.131)	
D. Amelia Lima Fonseca	10\$00
Joaquim da Fonseca	10\$00
Alvaro da Costa Guimarães	10\$00
Manoel da Cunha Machado	5\$00
João Fernandes de Melo	20\$00
Antonio Augustio da Silva Carneiro	10\$00
José Pinto d'Almeida	10\$00
Joaquim da Costa Vaz Vieira	20\$00
Servo da Capela de N.ª S.ª	3\$00
Anonimo	30\$00
José Martinho Fernandes	5\$00
D. Maria Patrocínio Leite Lage	5\$00
D. Amelia Lopes Matos Chaves	5\$00
P.º Francisco d'Assis	5\$00
Fernando Lindoso	10\$00
Domingos Fernandes Azenha	10\$00

cessos rotativos levantaria a animadeversão publica.

E basta de transcripções que evariam longe.

Eu não escrevo isto para ser agradavel ao sr. João Franco, que nunca vi, a quem nunca dei o meu voto e que apenas teve, de mim, o entusiasmo juvenil com que, em guerra aberta, o lembrava e engrandecia no seio progressista da minha familia escandalizada; mas, no meio do seu lutuoso retiro, não podem ser indiferentes ao seu espirito estas palavras de justiça escritas por um homem glorioso que nunca militou no seu partido e nem sequer fazia parte das suas relações pessoas.

Como se vê, então, o glorioso Augusto de Castilho aceitar o sacrificio de ser ministro num gabinete que ha-

via de dar começo á ruina da obra franquista?

Levar-nos-ia longe uma resposta. Dá-la hemos um dia.

Augusto de Castilho fizera, com Ferreira do Amaral, a sua primeira viagem á India; eram amigos intimos e ambos honrados, como não se esquece nunca de proclamar o lealissimo Castilho.

'O Amaral pode errar — dizia ele — mas é um homem honrado.

Depois havia um rei novo, uma criança num lago de crepes e sangue, a estender a sua mão suplicante para a mão magnanima e disciplinada de Augusto de Castilho.

Ferreira do Amaral não se despojara do seu liberalismo, como o velho Augnsto de Castilho, mas aqueles que acusam

Ferreira do Amaral de ter escancarado a porta á Republica esquecem se de que a porta, quando ele chegou ao ministerio, já não tinha tranca nem fechadura...

Fechada a sua pasta de ministro, Castilho dizia alto, quando o chamavam conselheiro: "não me chamem conselheiro... Foi a unica asneira da minha vida, mas fi-la com boa intenção. Ajudem El-Rei..."

Morreu em 1 de janeiro de 1912, já em plena republica, que não serviu. Não quiz que, por mortalha, lhe vestissem a farda de marinha.

E', todavia de justiça dizer que a Republica deu o seu nome a um barco que se tornou glorioso.

NUNO DE MONTEMOR.

"Nação Portuguesa,"

DAS LETRAS

Canções

Secção de Sport

A' Sombra da Cruz

Poetas & Prosadores

Collecção A. Figueirinhas

Acaba de sair o n.º 11, desta brilhante revista de cultura nacionalista, superiormente dirigida pela alta competencia do distinto escritor Dr. Antonio Sardinha.

Este numero dedicado á gloriosa Nação Brasileira, é um dos melhores até agora aparecido, como se depreenderá do seguinte Sumario:

«Saudação ao Brazil», Afonso Lopes Vieira; «Definindo intensões», Redacção; «Da historia da colonização do Brazil referida ás missões relegiosas», J. Lucio de Azevedo; «A lingua portuguesa no Brazil», Manuel Múrias; «Portugal-Brazil e a diplomacia ingleza», Be tencourt Rodrigues; «A génese da colonização do Brazil», Carlos Malheiro Dias; «Oliveira Lima» (com retrato) Redacção; «Das belas letras brasileiras», Luiz d'Almeida Braga; «O futuro politico do Brazil», José A. Vaz Pinto; «A retirada para o Brazil», Redacção; «A lição do Brazil», (com gravuras), Antonio Sardinha; «D. Luiz da Cunha e o Brazil»,

Colaborada pelos melhores escritores da Geração Nova a «Nação Portuguesa» impõe-se como a melhor revista existente em Portugal.

Num paiz em que o faciosismo politico e o personalismo que o liberalismo-democrata desencadeou não tivessem criado tantas raizes que se desenvolveram em grosseiro materialismo, a «Nação Portuguesa» teria conquistado a maior preponderancia e o melhor acolhimento.

Não lhe teem, porém — justo é confessa-lo — rareado de dedicações sinceras. São todos os que lhe prestam o concurso da sua intelligencia, são todos os que não lhe teem faltado com donativos para facilitar a sua vida economica.

De resto de nada valem as campanhas de silencio feitas á sua volta pela imprensa chamada de grande informação que nunca dispensa espalhafatosos réclames a publicações de nulo valôr mental e, muitas vezes — as maiores vezes até — de pura pornografia. O mesmo se pode dizer da imprensa constitucionalista. Mas, a «Nação Portuguesa», tem saído sempre victoriosa no combate ás mentiras politicas que teem feito a infelicidade do nosso século.

A comprova-lo está este excelente numero colaborado por distintos escritores, alguns dos quais teem firmado varios capitulos da grandiosa *Historia da Colonização Portuguesa no Brazil*.

"Gil Vicente,"

AVISO

Tendo deixado de pertencer á nossa redacção o snr. Domingos Ribeiro, tornamos publico que não nos responsabilizamos por qualquer transacção que o mesmo pratique em nome do nosso jornal.

Recebemos o n.º 7 desta interessante publicação, intitulado *Contos para as crianças*, por Frances Brouwne. Como os primeiros numeros, este que temos presente é um repositório de contos agradaveis e interessantes, ornado de excelentes gravuras, que tornam ainda mais excelente a edição.

«Historia de Portugal», — *Henrique Schaefer desde 1820 até 1911 continuada por José Agostinho (1.º volume desde 1820) Edição Figueirinhas.*

Com uma amavel dedicatória do seu editor e nosso presado amigo Snr. Antonio Figueirinhas, que muito nos peñhorou, recebemos o VI volume (1.º desde 1820) da «Historia de Portugal, de Henrique Schaefer, continuada pelo distinto publicista Snr. José Agostinho.

Desde ha muito que se fazia sentir a falta de uma publicação como a «Historia de Portugal», pois todas as publicações existentes enfermam do mesmo mal — a paixão politica. Desta paixão foram victimas quasi todos os escritores do nosso século. Herculano e Oliveira Martins tambem caíram na mesma obcecção. E se nas suas paginas brilhantes fulguram scintilações em que se revela toda a epopeia grandiosa dos feitos portugueses, ha, principalmente, na parte relativa aos acontecimentos anteriores ao liberalismo incorrecções que teem vindo de geração em geração encobrir algumas scenas da agitada introdução das ideias liberalistas em Portugal. Não falando já dos compendios usados nas nossas escolas que nada mais revelam que um sectarismo feroz ás nossas tradições gloriosas, a «Historia de Portugal» desde 1820 para cá tem estado por fazer. Vem o volume que temos presente suprir essa falta.

José Agostinho é já um nome consagrado. Nas 541 paginas de que se compõe este seu 1.º volume descrevem-se todos os acontecimentos sem uma leve sombra de faciosismo. Lendo-as, temos a sensação de vermos desfilar num écran todas os figuras e todos os factos da epoca a que os seus capitulos se reportam.

É uma obra valiosissima; muito a recomendamos principalmente a todos quantos frequentam os cursos superiores e que mais necessidade teem de conhecimentos que os seus compendios, redusidos e mal orientados, lhes não podem facultar.

Antonio Figueirinhas abalçando-se á edição desta bella obra praticou um revelante serviço ás lêtras patrias e á nossa historia.

Com veneração ergamos a Canções o nosso preito devido.

Poeta egregio dos altos destinos da Raça, que soube ser digno de um Povo, grande pela elevação, ora magestosa, ora sentimental do seu estro, Luiz de Camões deve ser lembrado, hoje e sempre, com a admiração mais profunda, raro genio assombroso, poeta e soldado, Portuguez dos maiores.

Os Lusíadas, monumento extraordinario do engenho humano, fruto de um talento fulgurante a que não eram estranhos os mais altos conhecimentos da epoca, será sufficiente para immortalisar o nome português, tão alto subiram no poema a perfeição tecnica e a grandesa do seu ideal.

Tantos séculos passados após a morte do grande cantor da epopeia lusa, do lirico apaixonado, o mestre de quantos até hoje cantaram em lingua portuguesa, ainda é o seu nome o do maior de todos, o do mais alto e excelso cantor das epocas modernas.

O seu nome é em todo o mundo, soberanamente um pregão formosissimo do nome patrio que disse o poeta.

Cantando espalharei por toda a parte e o seu poema e os seus versos magistraes afirmam inequivocamente, na pujança adoravel da sua beleza, a altura a que se alcançou a Raça lusitana numa ascenção radiosa e fulgurante.

D. José Ferrão

Esteve nesta cidade, tendo já regressado á sua casa na Foz do Douro, o nosso presado Director.

«Biblioteca das Familias» *Etiernne Marcel* — «A Avó» (tradução portuguesa) Edição Figueirinhas.

Mais outro excelente livro, o primeiro da Biblioteca das Familias», edição cuidada de Antonio Figueirinhas. Vem, tambem preencher uma grande lacuna.

Livro moralizador, isento de doentismos romanticos, que viciam o caracter e a intelligencia, não podia ter tido melhor inicio a «Biblioteca das Familias».

A intenção do seu editor está bem revelada no prefacio a «A Avó», moralisar. Emoralisar numa epoca em que a desmoralisação passou todos os limites imaginaveis é um apostolado que devemos auxiliar. Realmente os romances que hoje saiem dos prelos são quasi todos isentos de moral. Ou caem em suicidios e em estupros, (pornografia encoberta) ou revelam declaradamente as suas intenções, preverter.

Em «A Avó», reúnem-se todas as qualidades que deve ter um bom romance. Com descrições interessantes que nos prendem e encantam é um livro que, sem receio, pode entrar em todos os lares e ser lido por todos.

Certos estamos que a «Biblioteca das Familias», vai ser bem acolhida por todos que gostam de uma sã e agradável leitura.

A. O.

FOOT-BALL

VITÓRIA 5--OLIVEIRA MARTINS-2

No domingo realison-se o anunciado encontro Oliveira Martins Vitória.

Às 14, 45 depois das saudações do estilo dá o pontapé na bola a menina Cacilda Pereira dos Santos.

Voltando o esférico ao centro sai o grupo portuense, enquanto o Vitória fica com vento contra, mas é desarmado e aos cinco minutos de jogo o onze vimaranense fura as redes do adversário. Os de preto e branco dominam por completo e depois de algum tempo de jogo marcam o segundo ponto.

Ao terminar a 1.ª parte os portuenses conseguem a primeira bola, em virtude de uma grande penalidade marcada ao Vitória.

Na segunda parte continua o dominio do grupo vimaranense, conseguindo enfiar mais 3 bolas e o Oliveira Martins uma.

Do Grupo do Porto os melhores foram o médio centro, a defesa esquerdo e o guarda-rede que teve algumas defesa interessantes. Os restantes muito fracos.

No Vitória alguns avançados continuaram, como de costume, com o jogo pessoal. Os médios e defesas podiam ter feito melhor jogo. O guarda-rede jogou melhor que no desafio com o Sporting.

A arbitragem não agradou.

A. D.

—Em Vizela jogaram o Portuguesito Foot Ball Club, daquela povoação e o alegria Sport. de Guimarães, vencendo este ultimo por 2-1.

Para hoje:

Às 13 horas. 2.º grupo do Vitória 1.-do Escola Académica Foot-Ball Club.

Às 15: Vitória-Braga Sport Club.

Luiz Dias

Tem passado melhor dos seus encomodos, com o que muito folgamos, o nosso presado amigo sr. Luiz Dias, distinto e considerado guarda livros da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães.

Participações comerciais

Em circular de 2 do corrente participa-nos o sr. Eduardo da Silva Guimarães que associou á sua casa comercial e industrial, por escritura de 15 de Janeiro lavrada pelo notario Dr. Francisco Moreira Sampaio, seus filhos ars. Eduardo da Silva Guimarães Junior e Jacinto da Silva Guimarães passando a nova sociedade a gerir-se sob a firma Eduardo da Silva Guimarães & Filhos Limitada. Desejamos-lhe as maiores prosperidades.

D. Amelia Mendes Fernandes

Na sua casa, ás Trinas, faleceu no preterito dia 2, a snr.ª D. Amelia Mendes Fernandes, esposa dedicada do nosso amigo snr. José Martinho Fernandes, e mãe dos tambem nossos amigos snrs. dr. Marcelino Fernandes, João e Domingos Mendes Fernandes e da ex.ª sr.ª D. Ana Mendes Pimenta Machado.

Dotada de um bondoso coração e de uma alma caritativa, o seu falecimento causou profundo pezar em todos que de perto conheciam a sua bondade.

Os funerais, realizados no preterito dia 4, na parochial de S. Paio, foram muito concorridos, vendo-se representadas todas as classes sociais, Juventude Catolica e Circulo Catolico de Operarios, com as suas bandeiras.

Pedindo a Deus pelo eterno descanso de quem tão prodigamente soube praticar a caridade, apresentamos á familia enlutada e especialmente a seu dedicado esposo e filhos os nossos sentidos pesames.

Agressões

Durante estes ultimos tempos tem-se feito sentir nesta cidade uma série de cobardes e criminosas aggressões que teem feito algumas victimas.

Já não são somente os palavrões obscenos que se ouvem a cada passo nas mais concorridas ruas da nossa terra.

Chegou-se agora ao auge, ao crime praticado e premeditado por malandrêtes que enchameiam as nossas ruas.

Assim, ha dias, agrediram barbaramente um velho empregado municipal.

E, na pretérita segunda-feira, outra aggressão se praticou contra o empregado camarario Brando de que lhe resultou morte instantanea.

O pobre empregado, pertencente a uma familia que os azares da sorte tornaram infeliz, encontrou, junto á capelinha de Santa Luzia, a morte mais cruel e mais atroz.

Depois de o terem barbaramente espancado, os seus assassinos ainda não satisfeitos com o acto praticado golpearam cruelmente o corpo do infeliz.

É necessario que se vigie mais atentamente certos «malandrêtes» que pelo motivo mais futil se servem da faca para as suas proezas.

Uma cidade como a nossa não pode ficar á mercê desses malandrêtes.

Faça-se justiça para que o exemplo sirva.

De contrario tornamos a nossa cidade num coio de bandidos.

Ler, Escrever e Contar bem, são as habilitações minimas que deve ter, se quer empregar-se em Lisboa ou Porto. Para se aperfeiçoar, escreva hoje mesmo aos **Cursos de Educação Comercial** por correspondencia da Revista **"A Publicidade Moderna"**, 3, Travessa do Alecrim, LISBOA.

**ESTABELECIMENTO DE MODAS,
FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS.**

Sedas, pelúcias e veludos, Tecidos para vestidos em lã e algodão.
Tecidos para forros em seda e algodão.
Espartilhos da fabrica SANTOS MATTOS.

Salgado - Guimarães

Casa High-Liff

Modas e Miudezas. Chapéus para
senhora e criança

TOURAL

GUIMARÃES

A TENTADORA

BERNARDINO ALMEIDA & COSTA, L. DA

Fazendas brancas, Modas e miudezas
ESPECIALIDADE EM BORDADOS DE GUIMARÃES
CAMISARIA, GRAVATARIA E PERFUMARIAS

120, Rua da Republica, 122 e 122-A

Sempre as maiores Novidades. Exposições Permanentes.

LEIAM

A NAÇÃO PORTUGUESA

:: REVISTA MENSAL DE ::
CULTURA NACIONALISTA

Director: DR. ANTONIO SARDINHA

Redacção e Administração:

LARGO DO DIRECTORIO, 8-3.º - LISBOA

Modas e Confeccões

JOÃO RIBEIRO

ALFAITE

Rua 31 de Janeiro, 152

GUIMARÃES

CARPINTARIA VIMARANENSE

A MAIS ECONÓMICA

Rua Elias Garcia (Casa do Arco) - Guimarães

Encarrega-se de todos os trabalhos de construção civil com segurança.

MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

DEPOSITO DE CAL, CIMENTO, TINTAS, VERNIZES
E ARTIGOS CONCERNENTES
PARA PINTOR E CAIADOR.

A Casa que mais barato vende.

Amandio Teixeira de Carvalho

Rua Dr. Avelino Germano - GUIMARÃES.

A ULTRAMARINA

Nova Agencia de Passagens e Passaportes

UNICA CASA QUE NA CIDADE DE GUIMARÃES
PODE TRATAR, CUJO AGENTE OFICIAL É

João Esteves

RUA ELIAS GARCIA (Antiga Rua de Santa Maria)

GUIMARÃES

Esta casa que acaba de abrir legalmente habilitada pelos
Ex. mos Srs. Ministro do Interior e Commissario Geral dos Serviços
de Emigração, trata de todos os documentos necessários para obter
passaportes com destino ao — BRAZIL, ARGENTINA, FRAN-
ÇA, AFRICA e HESPAÑA e mais nações da America e da
Europa. Trata-se de passagens para toda a parte, nos melhores
vapores de todas as Companhias de qualquer nacionalidade.

Dar a preferéncia a esta casa é obter a certeza de nunca
terem margem a qualquer reclamação.

O proprietario desta casa procurará todos os meios para
que os seus passageiros sigam ao seu destino o mais rapido pos-
sivel, para, assim, se tornar conhecido o seu nome e a sua casa.

Procurem e peçam informações á ULTRAMARINA e
estas serão dadas gratuitamente.

Dirigi CORRESPONDENCIA ao AGENTE OFICIAL

JOÃO ESTEVES

Passagens e Passaportes - Guimarães.

CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Gil Vicente

Preço da assinatura
(Pagamento adiantado)

PORTUGAL

Ano 7500 reis
Espanha 9500 »
Africa 10500 »
Brazil 12500 »
Numero avulso 150 »

Preço das publicações
(Pagamento adiantado)

Anuncios e comunicados, linha 200 reis
Repetições, por linha 150 »
Permanentes, contrato convencional.
Reclames, no corpo do jornal, até 5
linhas, cada um 2000 »
Anunciam-se as publicações que o mere-
çam, mediante dois exemplares gratis.
Anuncios, não judiciaes, para os srs. assi-
nantes, 20 por cento de abatemento.

Gil Vicente

ANO VI N.º 177

2.ª Série N.º 53

Ex. mo Sur.